



TRAGÉDIA NO SUL

Chuva volta forte e pode piorar o desastre no RS

Em poucas horas, Porto Alegre recebeu uma precipitação pluviométrica de 100mm, mais do que toda a média esperada para o mês. Desta vez, bairros que até então estavam a salvo das inundações viram chegar a água da enchente

» HENRIQUE LESSA
» MAYARA SOUTO
Enviados especiais
» PEDRO JOSÉ*

Porto Alegre e Capão da Canoa (RS) — A volta das chuvas intensas na região metropolitana da capital gaúcha, que começou na madrugada de ontem, ameaça recolocar na estaca zero todo o esforço de reconstrução que vinha sendo feito aos poucos, nos últimos dias, e piorar a tragédia no Rio Grande do Sul. O sistema de drenagem de Porto Alegre colapsou e foram necessárias poucas horas de uma grande precipitação pluviométrica para que a cidade voltasse ao estado de caos.

Com a drenagem em colapso, a água que brotava dos bueiros interrompeu diversas vias da cidade e até mesmo em bairros que não sofreram com a cheia das últimas semanas — como Cavalhada e Restinga — foram inundados. Blindados do Exército e barcos das forças de segurança resgataram moradores ilhados mesmo em regiões altas de Porto Alegre. Em uma escola de educação infantil, pelo menos 10 crianças foram retiradas pelas equipes de socorristas.

Entre a população, o otimismo percebido nos últimos dias — por conta do recuo das águas e a queda no índice do Lago Guaíba — deu vez às expressões de preocupação e medo. A velocidade do alagamento de Porto Alegre assustou ainda mais os moradores porque deu-se rapidamente, dificultando até mesmo medidas de evacuação.

Em apenas 12 horas, a capital gaúcha recebeu um volume de 100 mm de chuva, mais que toda a média esperada para o mês. O entregador Marcelo Santos, que vinha tentando retomar o trabalho, não teve como prosseguir fazendo entregas em domicílio. “Chove muito mais forte do que da última vez. A água está subindo mais rápido e fazendo ondas nas ruas. É quase impossível conduzir a motocicleta”, afirmou ao **Correio**.

O Hospital Mãe de Deus — unidade privada de saúde e referência do estado, localizada no bairro Menino Deus — viu mais

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



Caminhão do Exército percorre as ruas alagadas de Porto Alegre em busca de pessoas em situação de emergência. Águas avançaram rapidamente

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



Chuva voltou a despertar o medo na população da capital gaúcha

uma vez o andar térreo ficar alagado. Funcionários testemunharam que água misturada ao esgoto subiu pelos ralos, enquanto trabalhavam para recuperar as

instalações e, novamente, voltar a operar após duas semanas fechadas pela inundação.

As chuvas também comprometem o corredor humanitário

Anselmo Cunha/AFP



Entulho espalhado pela cidade piora o escoamento da inundação

da capital, construído com pedras e aterro para elevar a via que estava alagada e permitir a passagem de veículos de abastecimento e emergência. A força das

águas escavou grandes buracos na estrutura, levando os veículos a trafegar ainda mais lentamente — e aumentando o congestionamento na região.

“Surpresa”

A sensação de insegurança na cidade aumentou com o registro de ventos fortes, raios e faltas esporádicas no fornecimento de energia elétrica. Em vídeo divulgado nas redes sociais, o diretor-geral do Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae), Maurício Loss, afirmou que a quantidade de chuva foi “além do que os modelos previam” e que tinha sido uma “surpresa”.

Porém, alertas da Defesa Civil estadual e do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) indicavam para volumes de até 200mm nos próximos dias. Em entrevista coletiva, no meio da tarde de ontem, o prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), desmentiu o que dissera o diretor-geral do Dmae e garantiu que sua equipe estava informada sobre o volume das chuvas. Ele culpou a intensa precipitação pluviométrica pela volta do caos à capital.

“Temos uma rede (de drenagem) sobrecarregada por água e, agora, com a capacidade reduzida, pois há um grande acúmulo de areia, de lodo na rede. Então, diminuí ainda mais a eficiência. Fora essa catástrofe que estamos vivendo, só esse volume em um curto período nos traria problemas. Temos o somatório do Guaíba extremamente alto”, justificou o diretor-geral do Dmae, na coletiva, ao lado do prefeito.

A capital gaúcha tem 23 centrais de bombeamento pluvial que garantem a drenagem da cidade. Mas, ontem, apenas 10 estavam operacionais e, mesmo assim, com a capacidade reduzida pelo assoreamento da rede e por motores queimados pela inundação.

Apesar da emergência, o prefeito pediu para que cada morador avalie o risco de permanecer na sua residência. O nível do Guaíba voltou a subir, chegando no fim da noite de ontem a 3,9m — já acima da cota de inundação, que é de 3m. Com a previsão de subida no nível em até 0,50cm, as comportas do lago foram fechadas.

* Estagiário sob a supervisão de Fábio Grecchi

Alto risco de cheias em todo o estado

A Defesa Civil do Rio Grande do Sul emitiu, ontem, alerta de chuva e vento forte para quase todo o estado. A região central, em especial, está com risco de inundação e cheia de pequenos rios e arroios. O local foi o primeiro a ser atingido pela tragédia ambiental que assola os gaúchos desde abril.

Em Santa Maria, por exemplo, a Defesa Civil municipal estima que o acumulado pluviométrico chegue hoje a 120mm. No último dia 1º, a cidade bateu um recorde mundial: foi onde mais choveu em todo o planeta, segundo o site Oigimet, que faz o acompanhamento de precipitação diária nos cinco continentes. De acordo com Adão Lemos, superintendente da Defesa Civil

municipal, o acumulado nesses dias foi a mais de 600mm em 36 horas — a média mensal para o mês é de 150 mm. Em maio, conforme disse, caíram cerca de 1.000 mm de chuva.

“Com toda essa chuva, a situação é ruim do ponto de vista hidrográfico, geográfico e estrutural. Santa Maria está em alerta vermelho”, destaca Lemos.

Ele frisou que há risco de cheia em arroios que banham a cidade, deslizamentos de terra por conta do solo encharcado e, também, piora na situação de 40 pontes da região, que estavam sendo consertadas para voltarem a receber tráfego. O município registrou seis óbitos desde o início das enchentes — dois deles foram em um desmoronamento de terra.

Ao todo, o número de mortes na tragédia gaúcha chega a 163 pessoas, segundo a Defesa Civil do estado. Os óbitos por leptospirose são quatro ao todo — registrados nos municípios de Travesseiro, Venâncio Aires, Cachoeirinha e Porto Alegre. Há 64 feridos, 581.643 desalojados e 65.762 pessoas vivendo em abrigos.

Uma das cenas mais dramáticas registradas nas últimas 24h foi a força das águas do Rio Forqueta carregando a ponte que o Exército construiu, havia poucos dias, para religar as cidades de Lajeado e Arroio do Meio. A estrutura substituiu a Ponte de Ferro, que desabou no início do mês.

Também na região central, o Rio Jacuí tem alerta de inundação e pode afetar cidades como

Dona Francisca, Cachoeira do Sul e Rio Pardo. Na última medição, o volume da água estava em 9,21m — no início do mês, chegou a 20m devido ao inédito volume de chuvas.

A previsão é de que a grande intensidade pluviométrica persista em todo o estado. O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) considerou a área central e sul do estado em perigo potencial, com previsão de até 50mm. Na parte norte do Rio Grande do Sul, na direção de Santa Catarina e metade do Paraná, o alerta está laranja.

Devido ao mau tempo e ao perigo de novas inundações, as aulas foram canceladas também em escolas de Viamão, Cachoeirinha, Glorinha, Gravataí e Alvorada.

Reprodução/Redes sociais



Ponte erguida pelo Exército não resistiu à força da correnteza